



# **o futebol, o Mundial**

**e o nosso dever de intervenção**

Contra aqueles que acreditam que os problemas do Mundo se resolvem com o cancelamento dos mesmos nas agendas pessoais, o envolvimento e a intervenção nos acontecimentos como uma resposta aos problemas que estes podem estar a gerar. Uma oportunidade para pensar no que é o futebol e onde somos colocados pela realização deste MUNDIAL no QATAR.

## O que é o futebol

**D**ESDE SEMPRE QUE, em quase tudo no mundo, se pretendeu ter a capacidade de dividir as coisas em dois, polarizando as escolhas como adesões inquestionáveis a um dos lados da contenda. Ao longo da sua história, o futebol foi apenas mais uma dessas coisas do mundo que se ama ou se odeia. Muitos e muitas dos apaixonados pelo desporto encaram o futebol como o irmão velho e rico que parece encostar-se ao seu privilégio para se impor sem qualquer preocupação com os restantes. O futebol enquanto ópio do povo também é uma ideia muito partilhada por uma determinada elite, tendente apenas a entender as dinâmicas negativas criadas por um acontecimento que convoca paixões e multidões onde quer que ocorra. Por outro lado, muitos daqueles que se embrenham no acontecimento futebolístico também o tendem a fazer de forma absoluta, inca-

pazes de o questionar ou de analisar as diferentes escalas em que as coisas do futebol, como as de todas as outras coisas da vida, se podem dividir.

Gostar de futebol não é um contrato exclusivo com uma construção ilusória a partir de um desporto que tende a embrenhar-se numa dinâmica de dinheiro e poder. É, na verdade, muito do seu contrário. Porque apesar de todos os movimentos que se podem gerar em volta do terreno de jogo, o futebol continua a ser muito semelhante àquilo que sempre foi. Um período de tempo predeterminado, onde duas equipas de número igual de elementos tentam vencer a outra, dentro de um quadro de regras simples aceites pelas duas partes. Neste intervalo de noventa minutos, podemos assistir a todas as grandes dinâmicas da vida. A importância da preparação e do planeamento. A força da organização coletiva. A inebriante esperança de podermos ser melhores do que qualquer rival que nos desafie.

A capacidade de transformar fraquezas em forças. A emoção de um objetivo alcançado. O drama de uma derrota inesperada. Tudo dentro desse quadro controlado de quem sabe que, amanhã, o nosso pensamento já estará a focar-se no desafio seguinte.

Mas o futebol é também um meio de transformação social. Dos jogadores, que chegam quase todos de classes menos privilegiadas e, através do seu talento e do seu trabalho, conquistam uma ascensão social inimaginável em qualquer outra área profissional. Das comunidades, que se organizam em redor de um clube e crescem e se desenvolvem como exemplos de cooperação e sucesso. Dos adeptos, que aí encontram maneiras de expressar as suas raivas e as suas esperanças, concentradas numa prática de afirmação que lhes é impedida em muitas outras áreas da sua vida. E de tantos, tantos outros, que acabam por encontrar no futebol uma maneira de explicar o seu mundo através de uma língua franca que lhes abre portas em qualquer labirinto. Tudo isto é o futebol, o futebol que apaixonamos, o que futebol que se reinventa, o futebol ao qual continuamos a aspirar.

**Onde nos coloca este Mundial**

A realização do MUNDIAL no Qatar coloca-nos uma série de questões que são muito relevantes no quadro do mundo em que vivemos no ano de 2022. A ausência de transparência na atribuição deste evento, a quebra da tradição no período do ano em que ocorre, o posicionamento do país que o recebe na defesa dos direitos humanos, largamente deficitário em relação aos padrões mínimos exigíveis, os condicionamentos impostos a todos aqueles que visitem o país, as opções na defesa do planeta perante as ameaças das alterações climáticas e outras tantas notícias que chegam do Qatar são pontos que merecem preocupação e análise. Os Mundiais de futebol têm um historial de debate em relação aos países que os organizam. Assim foi em Itália em 1934, na Argentina em 1978 ou na Rússia em 2018, apenas para citar os casos mais paradigmáticos e comparáveis com o que vai acontecer no Qatar. Importante que em todos esses casos seja a memória do que estava mal em cada um desses países aquela que perdura na mente da maioria das pessoas.

Parafraseando Jorge Valdano, o MUNDIAL do Qatar pode ser uma oportunidade. Aliás, a mesma oportunidade

que o futebol sempre nos ofereceu. Para reconhecer o mundo para além do limite do nosso alcance e entendimento, para nos colocar perante o desconhecido, mas também para debater, discutir e denunciar tudo aquilo que nos vários países que disputam esta prova é digno de ser transformado. O futebol sempre foi e sempre será isso mesmo. A chamada de atenção para algo que merece ser observado. Aliás, o Qatar está já a passar por isso mesmo. A forma como várias notícias e campanhas têm sido desenvolvidas – acompanho de mais perto aquelas realizadas pela *Amnistia Internacional* e a *Human Rights Watch*, mas existem mais organizações com trabalhos bastante meritórios, tal como vários jornalistas – já obrigou o país a modificar comportamentos que impedem que a situação dos trabalhadores seja tão má como já foi. Será preciso ir mais longe – o foco nunca deve ser apenas e só aquilo que é afetado pelo MUNDIAL, mas em todos os cidadãos e habitantes, nas suas diferentes profissões e posicionamentos, merecem receber a nossa atenção e palavra. De maneira a que o MUNDIAL seja uma janela onde a voz de quem tem algo a dizer encontre o palco que procura.

Os tempos que vivemos são particularmente tensos. Mas o esforço que fazemos terá de ser o de manter a capacidade para identificar as melhores maneiras de intervir em cada espaço. Compreendo perfeitamente quem prefere “cancelar”, nas suas agendas pessoais, a existência deste MUNDIAL. No entanto, não alinho na opção de tapar os olhos e os ouvidos perante as injustiças do mundo. Bem pelo contrário. O MUNDIAL será uma oportunidade para continuarmos atentos ao que acontece no mundo. Enquanto, no terreno de jogo, os melhores jogadores do mundo tentarão uma vez mais, através da expressão do seu talento, da sua inteligência e do seu trabalho, transformar o mundo a cada toque na bola. Poderão considerar isso uma utopia. Mas acredito ser um pouco mais do que isso. Acredito ser a minha obrigação de me envolver nas coisas para que delas se aproveite algo mais, através da observação e da análise. Daí que se entre, a partir de agora, em modo-MUNDIAL, aqui por casa. Com a mesma dedicação de sempre.

Por LUÍS CRISTÓVÃO

Artigo publicado no seu site [luiscristovao.com](http://luiscristovao.com) (13.11.2022)

**alerta**

# EXPLORAÇÃO DE TRABALHADORES NO MUNDIAL QATAR 2022



*"Deus sabe que há dias em que não posso continuar, tudo se torna demasiado... A única coisa que me mantém vivo é pensar nos meus filhos." Sakib*

1,7 MILHÕES DE HOMENS E MULHERES DEIXARAM AS SUAS VIDAS E FAMILIAS NA ÍNDIA, PAQUISTÃO, NEPAL, BANGLADESH E SRI LANKA COM O SONHO DE UMA VIDA MELHOR.

**A vida foi o que deram ao Mundial 2022! Na chegada ao Qatar entregaram os passaportes e a sua dignidade. Sofreram anos de abusos, viveram em condições deploráveis sob temperaturas elevadas, sem receber ordenados e em muitos casos, em condições que equivalem a trabalho forçado!**

Os trabalhadores que sobreviveram estão ainda retidos no Qatar, sem resposta humanitária, sem conseguirem arranjar novos empregos, endividados, sem documentos ou compensação.

A FIFA no futuro deve fazer um processo de verificação na seleção de todos os futuros anfitriões do Campeonato do Mundo ou de outro evento desportivo.

In *Amnistia Internacional* (Portugal)

# ”Para ser apóstolos do Evangelho é preciso passar pela desapropriação dos bens e de si mesmo”

O artigo é de José María Castillo, teólogo, publicado por *Religión Digital*, 25-10-2022.



- "O Evangelho não é apenas uma 'teoria', mas além disso – e sobretudo – é um 'modo de vida'".
- "Aqueles que abandonaram tudo (casa, família, emprego, dinheiro... tudo o que cada um tinha) e foram com Jesus, para viver com ele e como ele viveu, esses foram os que aprenderam a cristologia que o Evangelho ensina".
- "Todos os apóstolos, exceto Judas, se despojaram dos bens que possuíam. E assim marcaram o caminho que seus sucessores deveriam seguir".
- "Vê-se e sente-se que não nos despojamos dos nossos bens e muito menos de nós mesmos".

Uma das propriedades essenciais da **Igreja é que ela é apostólica**. Assim, a afirmação segundo a qual os bispos são "os sucessores dos apóstolos" é um facto afirmado de tal maneira pela tradição e pelo magistério da Igreja, que a sucessão apostólica dos bispos nos é imposta com um dado da fé (cf. Y. Congar, in: *Mysterium Salutis*, IV/1, pág. 556-557, com extensa bibliografia).

Pois bem, assumindo isso, quem lê atentamente o Evangelho percebe que os doze apóstolos (*apóstoloi*), nomeados por Jesus (Mc 6, 30), nos ensinaram não só o que Jesus disse e o que eles disseram, mas também (é claro) o que Jesus fez e o que eles fizeram. O Evangelho não é apenas uma "teoria", mas além disso – e sobretudo – é um "modo de vida".

Ora, a "**forma de vida**" que Jesus ensinou aos seus apóstolos, aqueles homens aprenderam, não só ou principalmente através de teorias (palestras, conferências, leituras...), mas sobretudo através do seguimento de Jesus (Johan B. Metz). Ou seja, aqueles que abandonaram tudo (casa, família, trabalho, dinheiro... tudo o que cada um tinha) e foram com Jesus, viver com ele e como ele viveu, esses foram os que aprenderam a cristologia que o **Evangelho** ensina.

É evidente que os **Apóstolos de Jesus**, ao segui-lo dessa maneira, sem se propor um "programa de vida", nem um "objetivo", nem um "ideal", sem nenhuma "segurança" (D, Bonhoeffer, Nachfolge, Munique, Kaiser, p. 28-29), não há dúvida de que aqueles homens, além de cumprirem os **mandamentos da religião** (Mc 10, 17, 20-22; Mt 19, 16-20; Lc 18, 18 - 21), tiveram a generosidade e a audácia de afirmar em público, pela boca de **Pedro**: "Bem, olha, deixamos tudo e te seguimos" (Mc 10, 28 par). Algo que Jesus, logo depois, aceitou e afirmou com generosidade.

É evidente, portanto, que os primeiros **Apóstolos de Jesus** tiveram a liberdade e a audácia de se despojar de tudo o que estava ao seu alcance. Todos eles, exceto **Judas**, se despojaram dos bens que possuíam. E assim marcaram o caminho que seus sucessores deveriam seguir.

Marcaram o caminho que **Jesus** traçou para eles. Mas será que eles chegaram ao fim? Infelizmente não. Eles se despojaram do dinheiro, da família, das propriedades, da própria segurança... Mas não chegaram às profundezas da vida. Não chegaram à **desapropriação do próprio "eu"** (E. Drewermann).

O que significa isto? Já disse que os **Apóstolos** deixaram tudo e foram com **Jesus**, para partilhar a sua vida e o seu projeto. Mas há uma questão capital, que vai ao fundo da questão e que não costuma ser pensada. **Jesus** disse a seus apóstolos – pelo menos três vezes – que o fim de sua própria vida estava próximo e também seria o mais humilhante e patético: condenado pelos líderes da religião e executado como criminoso (Mc 8, 31, 9). ,31 par, 10, 33

s par) (J. Jeremias).

Pois bem, como os **Apóstolos** perceberam que o **fim de Jesus** era inevitável e próximo, sem dúvida os discípulos começaram a se preocupar e discutir qual deles era o mais importante ou deveria ser colocado em primeiro lugar. Assim, após o segundo anúncio da Paixão (Mt 17, 22-23 par), ocorreu a discussão dos discípulos sobre "quem é o maior no Reino de Deus (Mt 9, 33-37. 42-48; Lc. 9, 46-49; 17, 1-2).

A resposta de **Jesus** foi contundente: "se não mudardes e não vos tornardes como estas crianças, não entrareis no Reino de Deus" (Mt 18, 2 par). E logo depois, o pedido dos filhos de **Zebedeu**, com a conseqüente indignação dos demais Apóstolos, que, sem dúvida, queriam aqueles cargos de importância e comando (Mt 20, 25-28; Mc 10, 42-46: Lc 22, 25-26).

Resumindo, os **Apóstolos** viveram duas etapas: primeiro, "despojando-se dos bens deste mundo"; em segundo lugar e definitivamente, "livrar-se de si mesmo". Por isso, Jesus começou pedindo para se desfazer das coisas, dos bens e do capital que possui. E, no final, o próprio **Jesus** pediu aos Apóstolos que cada um se despojasse.

A conclusão é clara e convincente: se queremos ser **apóstolos do Evangelho**, não temos escolha senão passar pela espoliação, a de dinheiro e bens; e o mais difícil, a **desapropriação de si** em cada um.

O que podemos dizer se pensarmos seriamente sobre isso, sobre o **futuro da Igreja**, se pensarmos profundamente sobre o número de cristãos, religiosos, clérigos, religiosos, bispos e cardeais, se for visto e sentido que não temos nos despojamos de nossos bens e, menos ainda, de nós mesmos?

# Cristo Rei e Senhor do Universo



«O Reino de Deus já está presente no meio de vós.» Não digamos está aqui ou além. O Reino de Deus está presente como uma realidade em si. O Reino de Deus depende de Deus e não desta nossa tentativa de limitar, de criar fronteiras, de separar. «Interrogado pelos fariseus sobre quando chegaria o Reino de Deus, respondeu-lhes: “A vinda do Reino de Deus não é observável, não se pode dizer: Ei-lo aqui, ou ei-lo ali. Pois, eis, que o Reino de Deus está no meio de vós”» (Lc 17,20-21).

Este é o grande anúncio de Jesus: «O Reino de Deus está no meio de vós!» Está dentro de nós, no meio do mundo, no interior da História como semente... É este o maravilhoso tesouro a descobrir. Deus já está presente! E o que precisamos, é de nos tornar sensíveis a essa presença. O Reino de Deus é já uma realidade, é já um fermento... E se é verdade que o Reino de Deus é também uma realidade escatológica, uma realidade do futuro, uma coisa que a gente já vê, mas que ainda há-de chegar na sua plenitude; que neste momento existem sinais; a verdade é que sabendo nós embora que ele é dom futuro, o Reino de Deus é já uma realidade do hoje da minha vida. Hoje a minha vida está envolvida pelo Reino de Deus. «O Reino de Deus é como um homem que lançou a semente à terra. Quer esteja a dormir, quer se levante, de noite e de dia, a semente germina e cresce, sem ele saber como.» (Mc 4,26-27).

Card. José Tolentino Mendonça

*Pai nosso que estais na terra, ed. Paulinas*